

# CASAS DE BRASILEIROS: O PÚBLICO E O PRIVADO<sup>1</sup>

Miguel Monteiro

A paisagem social do Norte de Portugal tem, na casa e na personagem do “Brasileiro”, os principais referentes do que foi o tempo dos novos horizontes e das novas fronteiras.

De facto, o país conhece, no século XIX e primeiras décadas do XX, as transformações que lhe conferem sentidos de modernidade, expressas nas reformas políticas, económicas, administrativas. Os seus efeitos tornaram-se visíveis na expansão das cidades, na assunção das vilas como centros políticos e administrativos e no reforço da função simbólica dos novos agentes do poder.

Nos novos identificadores de hierarquia associados à instrução, ao vestuário, à arquitectura, à decoração das fachadas dos imóveis e no mobiliário, reflecte-se o transito dos modelos e a interculturalidade burguesa europeia, proprietária de diferentes imagens e símbolos.

As novas classes dirigentes locais surgem, assim, como senhores de outros sinais de distinção, legitimadores de uma ordem político-administrativa, primeiro liberal e depois republicana. Nelas se destaca a presença do “Brasileiro” de “Torna-viagem”, filho e herdeiro dos pergaminhos da elite rural tradicional, fazendo-se representar, na casa e nas novas expressões do seu quotidiano e tornando-se uma figura emblemática.

Proponho que olhe com atenção particular os palácios, como solução arquitectónica predominante nas décadas de cinquenta a sessenta do século XIX. Esta, em muito se assemelha, nos seus elementos, aos palácios nobres, apresentando frontões, em tímpano perfeito, truncado ou imperfeito, ou falsos frontões, incluídos na estrutura do edifício e completando a linha das suas fachadas.

A sua divisão faz-se, normalmente, em três corpos: um central e dois laterais (sendo o central mais comprido ou curto e saliente ou reentrante). Quando a divisão das fachadas não se fizer por corpos, a separação é feita por pilastras de pequena sacada, que se correspondem nos diversos andares, dando a ideia de robustez aos cunhais e à parede da frente. Observe como a divisão vertical em partes iguais parece aumentar a importância do edifício.

---

<sup>1</sup> Publicado com o título “O Público e o Privado”, in *O Brasileiro de Torna Viagem*, Lisboa, CNCDP – Portugal, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Lisboa, 2000

No seu interior será recebido em átrios de pedra, que o Século XVIII conheceu no exterior de outros imóveis. Dê-se conta da iluminação natural feita por largas clarabóias decoradas em finos estuques e olhe os tectos de caixotões barrocos, de castanho, geralmente decorados com pinturas ornamentais ou estuques decorados e as paredes forradas a tecidos aveludados.

Regresse ao caminho que nos leva à Vila onde se podem ver os sinais de uma arquitectura urbana construída “à beira dos ribeiros sussurrantes, as poéticas vivendas que fazem lembrar palácios de fadas”<sup>2</sup>, testemunho dos seus construtores, onde se podem descobrir os sentidos desse tempo invasor de territórios rústicos, nos quais a casa servia tradicionalmente as funções agrárias: abrigo dos animais, guarda dos excedentes agrícolas, de alfaias e dos fenos e, a casa de seus proprietários, numa convivência íntima hoje surpreendente.

É tempo de olhar outros modelos arquitectónicos: as Casas Apalaçadas e Palacetes das duas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX. Leia na fachada ou nos portões o monograma do seu proprietário ou a designação de *Vila*, numa expressão de identidade matriarcal, protectora dos pobres, íntima do padre e benemérita da igreja.

Nesta designação exhibe-se a homenagem do “Brasileiro” à sua mulher que, no lugar de origem guardou, durante anos, a sua chegada em viagens de “vai e torna” e deu descendência e sentidos à família da elite local, ao mesmo tempo que nos pode fazer lembrar sentidos de propriedade das *Vilas rústicas*, inscritos na matriz medieval dos seus ascendentes.

Aqueles imóveis, que hoje apresentam sinais da degradação do seu antigo esplendor e evidenciam a mesma trajectória nos ignorados descendentes, aparecem-lhe quase sempre de frente, como um postal ilustrado do passado, nos limites oitocentistas das cidades e das vilas e no espaço rural. As fachadas, umas vezes lisas outras revestidas a azulejo, implantam-se recuadas da via pública e, por vezes, ajustam-se aos limites das vias.

Nestas, a fachada principal dá directamente para a via pública e, as laterais e posteriores para um jardim, onde se podem ver os sinais do exotismo no pátio, parque ou quinta adjacente, nas centenárias palmeiras, símbolo da vivência no Brasil.

Veja como, em certos casos, procuram uma certa proporcionalidade entre o comprimento e a altura, procurando alguma harmonia, marcada pelos eixos das portas, janelas, eixos das pilastras divisórias, divisão horizontal em andares, nem

---

<sup>2</sup> António FIGUEIRINHAS, (prefácio), António da COSTA, *No Minho*, 2.º Ed., Porto, António Figueirinhas, 1900

sempre conseguida, tornando-se, por isso, monótonas à vista, pelo que, algumas vezes, as varandas procuram aumentar a largura aparente e outras vezes as pilastras procuram acentuar a verticalidade. Noutros casos ainda, os terraços decorados interrompem a sua verticalidade.

Desobedecendo às normas que definiam a tipologia clássica para a marcação das simetrias das fachadas, o palacete apresenta-se com quatro fachadas, num exercício extremo de simetria, dando ao edifício uma forma quase cúbica. Outras vezes, marcado numa base de assentamento quadrado, a assimetria das fachadas é acentuada por torres e minaretes que lhe dão verticalidade estrutural gótica no que foi a imagem de uma “casa de campo”.

A estrutura, os materiais utilizados, as dimensões e a decoração destes imóveis, descritos na época como “*belo palacete com portões de ferro ao lado, mirante, platibanda de granito*”<sup>3</sup>, ou “*uma casa grande, de cantaria e azulejo, com três andares e varandas*”<sup>4</sup> ou, ainda, configuradas com um “*cubo de alvenaria com enfeites de ripa e latão*”<sup>5</sup> compõem a descrição de uma arquitectura ecléctica própria de um tempo feito de homens cosmopolitas.

Invente novos olhares e sentidos para a compreensão do tempo, dos homens e dos símbolos da modernidade perante o espanto e a surpresa que então provocaram: “*Vão-se os olhos naquilo! Esta maravilha arquitectónica devem-na as artes ao gosto e génio pintoresco de um rico mercador que veio das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as cores que lá viu de memória e todas aqui fez reproduzir sob o inspirado pincel de trolha*”<sup>6</sup>.

No conteúdo das descrições da época, encontre os sentidos críticos que então se davam às casas e, já distanciado no tempo, venha descobrir os proprietários e o gosto de uma época nas casas de “*dois sobrados, caiada, azulejada, com suas colunas pintadas de verde e como de papelão grudado à parede, com as bases amarelas e os vértices escarlates*”<sup>7</sup> e, particularmente, nos elementos decorativos então desconhecidos na paisagem rural, tais como: as sacadas, as vidraças com bandeiras divididas em variadas figuras geométricas, e a Arte Nova, tida na época, como “arte de fantasia farfalhuda”.

Este olhar minucioso dar-lhe-á a conhecer a arquitectura e a elegância decorativa de um tempo recente, que foi objecto da atenção dos clássicos da nossa

---

<sup>3</sup> Camilo CASTELO BRANCO, *Eusébio Macário*, 7ª ed., Porto, Liv. Chardon, s/d., p.50

<sup>4</sup> Júlio DINIS, *A Morgadinha dos Canaviais*, Porto, Liv. Civilização, 1964, p.137

<sup>5</sup> Mário BRAGA, *As ideias e a vida*, Coimbra, Atlântida, 1958, pp.97-98

<sup>6</sup> Camilo CASTELO BRANCO, *O Senhor de Paço de Ninães*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1966, pp.23-24

<sup>7</sup> Idem, *Ibidem*

literatura e exercício de descrições do contexto narrativo, em que a “casa do Brasileiro” atingiu a sua expressão mais caricatural: “*cor de gema de ovo, com terraço no tecto para quatro estátuas simbólicas das estações do ano, e dois cães de bronze, sobre as ombreiras do portão de ferro, com as armas fundidas, de saliências arrogantes, entre os dois molossos de dentaduras anavlhadas, minazes, como todos os bichos da heráldica.*”<sup>8</sup>

Sugerimos que descubra o azul, verde, amarelo e vermelho, os símbolos do Brasil e de Portugal, nas cores dos azulejos das fachadas, nos vitrais das bandeiras das portas e nos remates exteriores das clarabóias.

Demore-se na busca dos pormenores dos portões e depois nos beirais de faiança, nos desenhos das varandas estreitas com guardas de ferro forjado ou fundido, nas platibandas de granito decoradas, nos lanternins e descobrirá um quadro de encantos coloridos de gente majestosa e elegante. Conheça na estatuária os sentidos de mitologia clássica, ou então as figuras das estações do ano de importação francesa, testemunhos de homens viajados e cultos.

A entrada principal no rés-do-chão, formada por uma galeria em forma de pórtico, permite o acesso à escadaria de pedra para o andar nobre e constitui a *antecâmara*, onde se encontra o *vestiário com cabides* para colocar os chapéus, casacos, capas, bengalas, guarda – chuvas.

No andar nobre, o *salão* e a *casa de estar*, com acesso a uma varanda que ladeia a rua, são espaços amplos, iluminados e decorados. Aí se reunia a família, se recebiam as pessoas íntimas e onde se faziam as leituras. A *casa de jantar*, situada no mesmo andar, no lado oposta da rua, próximo da cozinha, com a qual comunica a partir de espaço de serviço. Subindo ao andar superior, o quarto de cama, quarto de vestir, casa de banho, constituíam os lugares mais íntimos e reservados da família.

Nos sótãos encontram-se a arrecadação e o alojamento da criadagem. A meio do edifício, uma escadaria iluminada pela clarabóia, liga os diversos andares.

Sinta a vivência do tempo no interior dos átrios decorados com azulejo, as escadarias de madeiras preciosas, os tectos de estuque, portas e janelas altas encimadas por bandeiras com vitrais coloridos, lustres de cristal, delicados móveis e porcelanas.

O seu interior leva-nos a lugares de encanto que preenchem as salas de mobília rica: um canapé de palhinha e seu jogo de cadeiras, uma secretária de cerejeira envernizada e, pelas paredes, bilhetes - postais com vistas do Rio de Janeiro, uma oleografia e litografias coloridas. O piano ou bilhar compõe o cenário.

---

<sup>8</sup> Camilo CASTELO BRANCO, *Eusébio Macário*, 7ª ed., Porto, Liv. Chardon, s/d., p.50

Estas casas, às vezes com aparência modesta, pertencem a famílias de burgueses, ricos de projecção na vida social, evidenciando interiormente alguma opulência. Nelas, a simplicidade utilitária contrasta com as madeiras preciosas, de paus do Brasil, rosa ou cetim, ou em finos estuques testemunhando influências inglesas.

As portas são de belas almofadas entalhadas, pintadas a branco e ouro, com “espelhos” de madrepérolas ou marfim, as vidraças, com bandeiras, possuem desenhos, fogões de mármore famosos, lustres de cristal, jóias e pratas de valor, delicados móveis e porcelanas inglesas ou orientais, bibliotecas ou colecções valiosas, uma mesa farta e cuidada, vinhos afamados – tudo isto testemunhando, nesses níveis mais altos, um viver “Brasileiro” em casa burguesa.

Desvende nos limites das cidades, ou mesmo dentro delas, os ainda visíveis requintes arquitectónicos da casa do «Brasileiro» e outros símbolos da burguesia, como evidências de um tempo ainda recente e pouco conhecido.

Procure, no que ainda resta dos jardins privados, as árvores exóticas, os caramanchões e as estátuas, como elementos de um cenário abandonado. Nos jardins públicos, com aspecto híbrido de alameda e jardim privado, delimitados por grades de ferro, apoiadas em pilares de pedra e encimados por pirâmides ou outros motivos decorativos, encontrará um lago sinuoso, um coreto e o romantismo que circula pelo cenário. Aí sentirá o paladar de estar nos altares silenciosos e restritos dos burgueses, neste Minho que foi o lugar das evidências do retorno do “Brasileiro”.

Procure nos bancos de jardim, mictórios e candeeiros de iluminação o que foi o mobiliário urbano, que decorou as ruas, jardins e parques, onde a elegância se passeava em figurinos de importação.

Sinta aí o que resta do que foram aqueles espaços, desenhadas a ocres e olhe novamente os azulejos que cobrem as fachadas das Praças como locais eleitos para a representação de sonhos e suores equatoriais e dos que exibem novos símbolos de poder.

Construa uma metáfora para o tempo que marcou a conjuntura económica brasileira e as transformações estruturais ocorridas em Portugal, com o aumento da circulação de pessoas e mercadorias, nas quais o “Brasileiro” esteve presente.

Os lugares privilegiados do “Brasileiro” foram as Vilas Novas, sedes da nova administração liberal localizadas em sítio de passagem e circulação, que tinham a sua matriz fundadora em lugares de feira ou cruzamento de vias. Veja-os aí reproduzindo os pergaminhos das velhas e ancestrais raízes de filhos de proprietários rurais, com casa construída no centro da Vila.

Nestas ruas, praças e praças das Vilas são implantadas, além de casas particulares, os equipamentos públicos, sociais e culturais necessários à urbe «Brasileira», bem como um conjunto de casas comerciais, funcionando algumas delas como representantes de casas bancárias, de seguradoras e de Companhias Marítimas, e ainda o Telégrafo e a Mala Posta que acrescentam os elementos necessários à existência de condições para a instalação de homens que desejam estar em contacto com outros "mundos".

As vilas recebem as novas elites que davam sentido aos novos ideários políticos e os “Brasileiros” passam a ocupar os lugares públicos que foram dos seus ascendentes, agora reforçados por constituições, códigos, decretos e deliberações municipais. Assim se forjaram sentidos de descendência, na colocação em lugares na administração pública, para gente que vivia de rendimentos e que fazia das cidade de Lisboa e do Porto o lugar de eleição para demoradas estadias, instalados em hotéis, ou procurava a sua residência definitiva.

Simultaneamente, encontre-os na liderança das primeiras agremiações de interesse social, nomeadamente nas confrarias e nas Irmandades da terra e visite as suas figuras representadas a óleo em galerias abandonadas.

No Clube, discutem-se as últimas novidades chegadas da Europa e o calor da política incendeia paixões com raiz nos ideários liberais maçónicos e se faz política, tecendo estratégias de poder.

O “Brasileiro” é a figura central de um tempo feita de homens da elite ilustrada nos contactos cosmopolitas das cidades do Brasil e das permanentes viagens que fazia pela capitais europeias, destacando-se Paris como cidade das grandes exposições e farol mágico das artes e dos ideários burgueses.

Originário de uma classe média e média alta rural, incorpora aí os novos sentidos da urbanidade e os símbolos legitimadores de poder que faz transportar para as cidades e vilas do Minho.

Frequentador de casinos, praias, termas, cafés e teatros reflecte também no ócio a expressão de um novo estatuto social. Marcas de um retorno de sucesso expressas nas novas formas de capital social, cultural e simbólico.

